

RESEARCH

Pioneiros: o PCC e a especialização no mercado de grandes assaltos

Jania Perla Diógenes de Aquino^{1,2}

¹ Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará-UFC, BR

² Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFC em parceria com Universidade da Integração e da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, BR

perladiogenes@hotmail.com

Estudando a socialidade dos assaltantes, em especial dos pioneiros do Primeiro Comando da Capital, no Brasil, argumento que o empreendedorismo individual, ao contrário do que se imagina, está na base dos grandes assaltos a bancos e financeiras no Brasil. Baseado em 18 anos de pesquisa sobre assaltos e assaltantes no Brasil, o artigo discute a *especialização* de um mercado ilegal, rompendo de um lado com a ideia de “violência urbana” como ausência de regras, civilidade e modernização, e de outro com o puro economicismo. Em diálogo com a literatura etnográfica brasileira sobre o universo criminal, o texto verifica como o Primeiro Comando da Capital se fortalece mesmo com forte independência individual de seus membros, que atuam por projetos de curta duração.

Palavras-chave: grandes assaltos; instituições financeiras; PCC; roubo

Introdução

O mercado de assaltos a banco e financeiras é hoje muito relevante para estruturar as principais facções criminais no Brasil, entre elas o PCC (Primeiro Comando da Capital). Dos mais discretos aos mais espalhados, tais assaltos costumam ser chamados de “cinematográficos” por delegados de Polícia e jornalistas policiais. O adjetivo não se mostra inadequado. Um dos meus interlocutores, praticante de grandes assaltos a banco, se diz fã da família Corleone, em *O poderoso Chefão*, filme do diretor Francis Ford Coppola, de 1972.

Em entrevistas com outros assaltantes, tenho ouvido recorrentes elogios à trilogia *Onze homens e um segredo*, blockbuster com George Clooney e Brad Pitt, de 2001. O assalto ao Banco Central de Fortaleza realizado em 2005, o segundo maior da história do Brasil, conforme assinala um entrevistado, foi inspirado em *Os trapaceiros*, de Woody Allen, lançado em 2000. No ano de 2006, poucos meses após entrar em cartaz *plano perfeito*, filme do diretor Spike Lee, um assalto contra uma agência bancária no estado de São Paulo recorreu ao *modus operandi* encenado no filme: assaltantes e reféns foram vestidos com roupas idênticas e, quando a Polícia chegou ao local, não conseguiu diferenciar quem era quem. O assalto fictício contra a *Casa da Moeda* da Espanha, que movimenta a série *A Casa de Papel*, produzida especialmente para a *Netflix* em 2017, também reproduz a técnica das vestimentas uniformizadas para “vítimas” e participantes do crime. O repertório cultural transnacional se encarna em práticas, também no universo criminal.

A literatura acadêmica sobre grandes assaltos é em geral restrita à criminologia (Matthew, 1996; 2002; Paes Machado e Viodres-Inoue (2017) e as pesquisas empíricas são ainda raras na América Latina (Nascimento, 2003; Aquino, 2010; Caminhas, 2018). A visão mais comum sobre o assunto pensa em extrema sofisticação de organizações fortemente hierárquicas, por detrás de ações criminais impecáveis. Ao contrário dessa literatura, argumento que apesar de serem cinematográficos e extremamente sofisticados, esses assaltos partem do empreendedorismo individual de sujeitos que se agrupam em projetos pontuais, de modo horizontal. Ao mesmo tempo, esse processo de especialização individual favorece e é favorecido pelas facções, em jogo em indivíduos e coletivo ganham. Desde 2000, tenho pesquisado estas ações criminais e seus protagonistas, por meio de entrevistas e inserções etnográficas junto a assaltantes, seus familiares e amigos; entrevistas com policiais e delegados de Polícia; narrativas jornalísticas, veiculadas em periódicos impressos e portais de

notícias online; e também processos judiciais, cujos réus são praticantes desta atividade ilegal. Venho assinalando que se tratam de operações engendradas por coletivos de assaltantes, constituídas por diferentes fases, tais como formação da equipe criminal, elaboração de um plano, divisão de tarefas, viabilização de infraestrutura, realização do assalto, fuga, divisão do dinheiro roubado e dissolução do coletivo de assaltantes (Aquino, 2004; 2010a). Também tenho argumentando que esses assaltos constituem um ramo específico dos mercados ilegais, com empreendimentos criminais minuciosamente planejados e que envolvem alto investimento em logística, quantias que costumam reaver multiplicadas após a efetivação de tais investidas (Aquino, 2015, Aquino, 2017).

Na primeira parte do artigo ressalto a sofisticação e a diversidade nos *modus operandi* verificados nestas ações criminais. Na segunda seção, analiso coletivos de assaltantes, destacando as chamadas *quadilhas interestaduais*. Concluindo, argumento que os grandes assaltos, por sua especialização, planejamento e logística, constituem um segmento importante dos mercados ilegais na América Latina, e que o Primeiro Comando da Capital deve ser considerado pioneiro nesse ramo mercantil, hoje transnacional.

A reflexão ora desenvolvida é fruto de dois momentos de pesquisa de campo, ao longo de dezoito anos de trabalho. Iniciei minhas incursões ao universo dos assaltos contra instituições financeiras em 2000; entre aquele ano e 2009 realizei entrevistas ou conversei informalmente com 41 assaltantes. Por volta de 2003, passei a ouvir referências ao PCC, que se tornaram recorrentes nos anos seguintes. Inicialmente, considerava fragmentadas e imprecisas tais declarações e narrativas, que foram, no entanto, ganhando imagem mais nítida com o passar do tempo.

Nos anos seguintes, foram desenvolvidas importantes pesquisas que esmiúçam este coletivo criminal e seus meandros (Biondi, 2010, 2017, 2018; Dias, 2012; Feltran, 2011, 2012, 2018a, 2018b; Hirata, 2010; Malvasi 2012; Mallart, 2012; Padovani, 2015). Revisada esta literatura, afirmações e comentários acessados em meu trabalho de campo ganharam maior significado, permitindo-me compreender como aqueles homens conduziam suas atividades ilegais. Impressionou-me, sobretudo, como eles podiam gastar as somas obtidas com expressiva liberdade, apesar de serem integrantes do Primeiro Comando da Capital.

As pesquisas de Biondi (2010, 2017, 2018) indicam que – ao contrário do Comando Vermelho e outras facções criminais de grande porte atuantes no país, cujas estruturas de poder são hierarquizadas (Barbosa, 2001, Grillo, 2013) – o PCC não possui lideranças ou posições de mando personalizadas e sua atuação seria organizada a partir de “sintonias”, que operam como núcleos encarregados de funções específicas. Em uma perspectiva próxima à de Biondi, Feltran (2018a; 2018b), assinala que o PCC não tem dono ou chefe e consistiria numa “sociedade secreta fraternal”. Para o autor, as *sintonias*, embora envolvam alguma hierarquia, exercem autoridade do modo impessoal. O pesquisador explana o funcionamento do PCC a partir de uma analogia com a maçonaria. Deste modo, um maçom empresário não torna a maçonaria uma empresa, nem suas qualidades ou o capital o autorizam a mandar nos outros. Não havendo na maçonaria nem no PCC estruturas centralizadas de poder, prevaleceria o apoio mútuo entre seus componentes. Mesmo sem dividir lucros com o coletivo, os membros de tais “fraternidades” ajudariam a fortalecê-las por outras vias (Feltran, 2018a, 2018b). Os dados providos de trabalho de campo e as análises desenvolvidas por Biondi e Feltran, conforme observaremos adiante, convergem largamente com informações que obtive em diálogos com assaltantes.

Consideravelmente inteirada sobre o funcionamento do PCC por meio das etnografias mencionadas, minha pesquisa entrou em um segundo movimento e passei a indagar sobre a atuação deste agrupamento nos assaltos contra instituições financeiras e seu papel para que esta atividade criminal ganhasse expressividade no Brasil e países vizinhos. Desde 2016, tive a oportunidade de reencontrar alguns assaltantes, com quem conversei informalmente ou desenvolvi entrevistas entre 2003 e 2009. Por intermédio deles, conheci mais 8 praticantes destas ações delituosas, também membros do PCC. Com base neste percurso de pesquisa relatado, argumento que grandes assaltos se converteram em uma ramificação dos mercados ilegais no Brasil, cujas etapas e saber fazer, tais como planejamento, logística, execução, fuga e divisão dos recursos são, depois do Primeiro Comando da Capital, pensados e por vezes executados em escala transnacional.

1. Facções, política e a atuação do PCC nos assaltos contra instituições financeiras

Nos anos seguintes ao golpe militar de 1964 no Brasil, os assaltos contra agências bancárias ganharam considerável visibilidade pública. Naquele período, estas ocorrências e os sequestros de relevantes figuras do cenário político foram realizados por militantes de grupos contrários ao governo ditatorial, instituído pelo golpe. Eram assaltos “políticos”, como a imprensa os tratava. O dinheiro obtido com tais ações armadas era canalizado para o financiamento de atividades políticas contrárias ao regime militar (Torres, 2017).

Posteriormente, os assaltos contra instituições financeiras passaram a ser efetuados pelo chamado “crime comum”. A partir dos anos de 1980, estas ocorrências tiveram como protagonistas mais notórios integrantes Comando Vermelho-CV, coletivo criminal que nasceu em 1979, na prisão de Ilha Grande, litoral do Rio de Janeiro, como desdobramento do convívio entre “presos comuns” e “presos políticos” da ditadura. Naquele decênio, o CV realizou assaltos contra bancos, carros fortes e joalherias em diversas regiões do Brasil, canalizando o dinheiro roubado para organizar fugas de detentos e otimizar o tráfico de drogas nas periferias do Rio de Janeiro (Lima, 2001). Consolidando-se na distribuição e tráfico de drogas na década seguinte, as cúpulas do Comando Vermelho pararam de organizar os assaltos os contra instituições financeiras, que deixaram de ser uma atividade relevante nesta facção criminal.

Assim como o Comando Vermelho, o Primeiro Comando da Capital foi fundado na prisão, nasceu na Casa Custódia de Taubaté, no estado de São Paulo, no ano de 1993 e se propagou rapidamente, primeiro no âmbito do sistema prisional e nas periferias paulistas e, a partir dos anos 2000, em todo o Brasil. De acordo com investigações policiais em diferentes estados, as atividades de importação, distribuição e exportação de drogas são as que movimentam maiores quantias no PCC. Mas desde seu contexto fundacional até o presente, assaltos contra instituições financeiras que ganham repercussão midiática, e costumam ser adjetivadas como “cinematográficas”, também têm mobilizado integrantes deste coletivo criminal, de modo contínuo. Embora a maior parte dos assaltos contra instituições financeiras no Brasil sejam realizados por assaltantes sem vínculos com o PCC,¹ as ações realizadas por seus integrantes, sobretudo contra empresas de guarda e transporte de valores, são as que têm envolvido maiores quantias e especialização. Se assaltos contra instituições financeiras antes do PCC não ultrapassavam seis dígitos, quando passam a ser realizados por integrantes deste agrupamento criminal atingem cifras milionárias.

Durante os anos de 1990, os bancos brasileiros começaram a investir em melhorias nos sistemas de segurança de suas agências, instalando câmeras e portas giratórias com detectores de metais e alarmes. Amenizando os efeitos destes equipamentos que dificultam o acesso de pessoas armadas aos estabelecimentos bancários, componentes do PCC mobilizaram uma nova técnica para efetivação de assaltos, que foi rapidamente copiada por praticantes de assaltos sem vinculações com este agrupamento criminal. Trata-se dos assaltos efetuados por meio do sequestro das famílias dos gerentes das agências bancárias. Tendo familiares sob ameaças, mantidos em cárcere privado, muitas vezes em suas próprias casas, estes profissionais se viam obrigados a introduzir as *quadrilhas* nas agências bancárias e lhes conceder acesso aos cofres. Embora o uso da violência física seja evitado nestes assaltos, seus participantes fazem uso de intensa violência psicológica para ameaçar os reféns, como demonstrei em trabalhos anteriores (Aquino, 2010).

Ainda nos anos de 1990, membros do PCC passaram a realizar assaltos precedidos de sequestros também contra empresas de guarda e transporte de valores. Somente em 1999, investigações policiais atribuíram a este coletivo criminal oito assaltos a tais alvos. Encarregadas de guardar e transportar elevadas quantias em espécies, as empresas de guarda e transporte de valores quase sempre movimentam maiores quantias do que bancos e suas sedes dispõem de rigorosos sistemas de segurança, compostos por homens armados e equipamentos como cercas elétricas câmeras, sensores e alarmes. Quando estes estabelecimentos começaram a sofrer assaltos, autoridades da segurança pública em diferentes regiões do Brasil se colocaram em alerta.

Já estava evidente que integrantes do Primeiro Comando da Capital tinham elevado as investidas armadas contra instituições financeiras a novos patamares de planejamento e elaboração, sendo que os valores subtraídos de seus alvos agora alcançavam quantias milionárias. Um dos meus interlocutores narra sua decisão de incorrer nestas ações mais ambiciosas:

A gente raciocinou e concluiu que assaltar banquinho não nos levaria a nada, a gente ia viver na cadeia e só. Era duzentos a trezentos mil dividido para umas quatro pessoas e até mais gente. Aí, eu e uns parceiros resolvemos ir para as bases dos carros fortes (as chamadas empresas de guarda valores) porque de lá tinha umas cinquenta vezes mais dinheiro. Nos bancos, a gente se arriscava muito e precisava estar em ação mais vezes, nas bases de carros fortes nós fizemos uns poucos que rendeu muito. O que veio menos, deu 5 milhões. (...) Garantiu a gente ter casa, ter comércio (legal), bens, ajudar a família, cuidar do futuro dos filhos. (Entrevista com Bernardo em fevereiro de 2009).

¹ Bancos e carros-fortes têm atraído quantidades crescentes de assaltantes que empreendem investidas mais modestas que aquelas organizadas por membros do CV nos anos de 1980 e pelo PCC nas décadas seguintes, porém mais rendosas do que assaltos contra outros tipos de alvos.

Durante os anos 2000, outro método de realizar assaltos, evitando confronto direto e violência física, foi colocado em prática por membros do Primeiro Comando da Capital. Parte das investidas atribuídas a este agrupamento ilegal passaram a se concretizar pela *construção de túneis* que alcançavam cofres de bancos e empresas de guarda valores. Depois de se mostrarem convenientes para viabilizar fugas de prisões, os túneis começaram a ser mobilizados por membros do PCC para a efetivação de assaltos. Dentre tais ocorrências, a que resultou em maiores somas e ganhou maior repercussão midiática foi o assalto, ocorrido em agosto de 2005, contra uma agência do Banco Central do Brasil, localizada em Fortaleza, de onde foram levados R\$ 164,7 milhões. Vejamos esta notícia:²

Poderia ser história de cinema, mas é real. O cenário é composto por uma casa na rua 25 de março, um túnel escavado com mais de 200 metros e uma caixa forte do Banco Central, localizada na sede da instituição, no cruzamento das avenidas Duque de Caxias e Dom Manuel no centro da cidade. O roteiro da história tem ápice no assalto de aproximadamente R\$ 150 milhões, o maior já registrado no Brasil e um dos maiores do mundo. (...)O BC não informou oficialmente quanto havia de dinheiro no interior da caixa forte no momento do assalto, mas confirmou a violação de 5 contêineres. Que guardavam cédulas de R\$ 50,00. As notas haviam sido recolhidas pela rede bancária e teriam seu estado de conservação analisado(...). Após a análise parte das cédulas seria encaminhada de volta ao sistema financeiro e parte seria incinerada. Para ter acesso ao cofre os assaltantes escavaram um túnel de 200 metros de extensão(...)indo de uma casa na rua 25 de março, até o banco(...). O crime teria acontecido no fim de semana, mas as polícias Civil, Militar e Federal só foram mobilizadas na manhã de ontem, quando o caso foi descoberto. O cofre possui sensores de movimento e câmeras de vigilância, mas nenhum dos instrumentos de alarme disparou na hora do assalto. (...)Segundo um investigador da Polícia Federal(...), o buraco teria sido feito na única parte da caixa forte, que não possui câmeras de segurança filmando. O imóvel na rua 25 de março que serviu de base para operação da quadrilha foi alugado há três meses. Na fachada uma placa de loja de fabricação e grama sintética(...). (Jornal O Povo, 05/09/2005)

Utilizando a loja de grama sintética no imóvel alugado como “fachada”, os assaltantes transitaram diariamente com sacos contendo entulhos oriundos, das escavações para construção do túnel, sem despertar suspeitas na vizinhança.

Em dezembro de 2009, um assalto realizado em São Paulo, também atribuído pela Polícia a membros do PCC, apresenta consideráveis similaridades com o *furto* ao Banco Central, em Fortaleza. Vejamos a notícia³ abaixo:

Ladrões(...) fizeram um assalto milionário em São Paulo, durante os jogos de domingo do campeonato brasileiro(...). Os bandidos cavaram um túnel a partir de uma casa simples do outro lado da rua(...). São 150 metros de extensão que atravessam uma praça até chegar embaixo do cofre da transportadora. Por volta das 17h de domingo, bem no início das finais do campeonato brasileiro, os assaltantes arrombaram o piso do cofre. E fugiram levando o dinheiro. O segurança contou à polícia que chegou a ouvir um barulho, mas pensou que fossem torcedores soltando fogos de artifício. A casa usada como base pelos bandidos tem até decoração de natal e foi cuidadosamente preparada para não levantar suspeitas. Quando ocupou o imóvel, quatro meses atrás, a quadrilha cobriu o quintal. E iniciou as escavações que, para os vizinhos, não passavam de uma reforma. A terra retirada era guardada em sacos ou depositada nos fundos da casa(...). Para não deixar impressões digitais, os bandidos pintaram a casa depois de pegar o dinheiro. (...)O dono da transportadora contou que o prejuízo pode chegar a R\$ 20 milhões. (Jornal Nacional, 07 de dezembro de 2009)

A construção de túneis foi mobilizada por integrantes do PCC em muitas outras ocorrências. Pelo menos três dos meus interlocutores participantes deste coletivo criminal, ressaltaram nas entrevistas que tal metodologia, embora vantajosa por não envolver confrontos ou reféns, demandava investimentos elevados e a contribuição de pessoas com expertise em construção civil.

² Link: <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/noticiashistoricas/2017/08/05/noticiashistoricas,3680819/assalto-ao-banco-central.shtml>.

³ Link: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1406824-10406,00-LADROES+USAM+TUNEL+PARA+FAZER+ROUBO+MILIONARIO.html>.

Outro assalto milionário envolvendo abordagem silenciosa e atuação precisa, cujas investigações policiais igualmente apontam autoria de integrantes do PCC, ocorreu numa madrugada de agosto de 2011, contra o setor de cofres privados da agência do Banco Itaú, localizada na Avenida Paulista, a via mais importante do centro empresarial de São Paulo:⁴

Diamantes do tamanho de bolas de gude, esmeraldas raras, lingotes de outro puro, colares cravejados com dezenas de rubis, coleções de relógios que custam mais do que um apartamento de luxo, maços de notas de 500 euros. Essa é uma pequena fração do inventário de perdas do maior roubo contra cofres particulares já feito no Brasil.(...) O centro da ação foi o subsolo de uma agência do Itaú, localizada na Avenida Paulista (...). Lá o banco mantém uma caixa forte com 2.500 cofres alugados a seus clientes vips. Para chegar até eles, é preciso passar por guardas e duas portas: uma gradeada e outra de aço. O aparato de proteção conta com áreas vigiadas por câmeras e sensores de movimento (...). No entanto, às 23h50, de 27 de agosto, um sábado, doze homens uniformizados de jaleco invadiram o local sem disparar um só tiro. Arrombaram 138 cofres pertencentes a 120 clientes. Dez horas depois, na manhã de domingo, partiram com uma fortuna(...). Nenhum alarmar soou. Os bandidos(...) informaram que faziam parte de uma equipe de manutenção que trocava móveis da agência. O vigia não desconfiou, pois a agência passava por um período de reformas e ele foi avisado que haveria obras naquela madrugada(...) Os homens foram até a área principal da agência e dominaram o único vigilante armado de plantão, que sob a mira de pistolas(...), operou o desligamento de todos os alarmes. Em seguida, foi obrigado a abrir uma porta da agência e mais dez homens entraram(...) com ferramentas, (...) entre elas uma furadeira magnética capaz de varar aço, uma serra sabre elétrica e um martelo eletropneumático, utilizado para demolir paredes. Com esse arsenal foi fácil alcançar o tesouro dos cofres. O vigia da noite e seu colega do turno da manhã, também rendido ao chegar ao trabalho, às 6h45 do domingo, só puderam dar o alarme depois que a quadrilha havia sumido(...). (Confederação Nacional dos Vigilantes e Prestadores de Serviços, 07 de dezembro de 2018)

Apenas cinco dos 120 proprietários dos cofres violados neste assalto prestaram queixa à Polícia, alimentando a suspeita de que os demais sonegavam ao fisco os pertences que foram roubados ou os utilizavam como forma de lavar dinheiro. Até hoje, o banco não divulgou o valor do montante subtraído; a equipe policial encarregada do caso estima em somas próximas a R\$ 250 milhões, quantia que tornaria este assalto o maior da História do Brasil, posição até então ocupada pelo *furto* ao Banco Central, anteriormente descrito.

Embora maior parte dos assaltos contra bancos e empresas de guarda valores protagonizados por componentes do PCC apresentem abordagens discretas, também têm sido registradas ocorrências mais chamativas, envolvendo disparos e enfrentamentos. Em um assalto ocorrido na região metropolitana de São Paulo em 2007, 40 homens teriam explodido os portões de uma empresa da guarda e transporte de valores. A notícia intitulada *Marcola e os quarenta ladrões*, em alusão jocosa àquele que a imprensa considera o líder máximo do PCC, compõe uma reportagem anunciada pela manchete, *Relembre 8 assaltos cinematográficos do Brasil*,⁵ vejamos:

Em setembro de 2007, cerca de 40 homens usaram dinamites para explodir os portões da empresa de transporte de valores, "Protege", em São Paulo. O bando rendeu e amarrou os funcionários

que estavam no local e, em duas horas, roubou malotes com 15 milhões. (...) Segundo a Polícia, Marcos William Herbas Camacho, o Marcola, líder da facção Primeiro Comando da Capital, precisou intervir na divisão do dinheiro roubado, já que o bando era formado por duas quadrilhas de partes diferentes da cidade. (Terra, portal de notícias online, 8 de abril de 2015).

Mesmo o cenário principal dos assaltos envolvendo o PCC sendo o estado de São Paulo, onde este agrupamento criminal foi fundado e atuam a maioria dos seus integrantes, seu raio de atuação abrange todas as regiões do Brasil e também países vizinhos. Na madrugada do dia 24 de abril de 2017, componentes do PCC teriam assaltado uma empresa de guarda e transporte de valores, localizada em *Ciudad del Este*, no Paraguai, fronteira com a cidade de Foz do Iguaçu no Brasil. Homens portando armamento pesado renderam os vigi-

⁴ Link: http://www.cntv.org.br/noticia__2885__O-MAIOR-ROUBO-DE-JOIAS-DO-BRASIL-.html.

⁵ Link: <https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/assaltos-cinematograficos/assaltos08.htm>.

lantes do estabelecimento e roubaram um valor correspondente a 40 milhões de dólares, no maior assalto da história do Paraguai. Vejamos esta notícia:⁶

As polícias do Brasil e do Paraguai acreditam que o Primeiro Comando da Capital (PCC) está envolvido no assalto milionário à empresa de transporte de valores Prosegur, em Ciudad del Este, no Paraguai, na madrugada de segunda-feira. Pelo menos 30 homens com armamento de guerra – como metralhadoras, fuzis e explosivos – roubaram US\$ 40 milhões (R\$ 120 milhões). Um policial e três bandidos morreram e quatro pessoas ficaram feridas. O assalto é apontado como o maior da história do Paraguai (...). O ministro do Interior do Paraguai, Lorenzo Lescano, disse que “tudo aponta para o PCC”. Segundo ele, os veículos usados tinham placas do Brasil e os criminosos falavam português. (...) (Revista Veja, 5 de maio de 2017)

Este assalto em *Ciudad del Este* ocorreu poucas semanas depois de integrantes do PCC assassinarem Jorge Rafaat, traficante reconhecido e fornecedor de arma a coletivos criminais brasileiros, dentre estes o Comando Vermelho e a Família do Norte-FDN, agrupamento atuante na distribuição de drogas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. A morte de Rafaat, apesar de ter levado o CV e a FDN a declarar guerra ao PCC, fortaleceu a posição deste último nas fronteiras do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Em entrevistas concedidas, os delegados de Polícia encarregados do caso afirmaram que o assalto em *Ciudad del Este* também representou demonstração de força. A ousadia e truculência demonstradas seria explicada pela hegemonia alcançada pelo PCC nos mercados ilegais de drogas e armas da região.

Em março de 2018, mais uma investida minuciosamente planejada tem sido atribuída pela Polícia a integrantes do PCC, trata-se do assalto a um avião da companhia aérea Lufthansa no Aeroporto Internacional de Viracopos, localizado em Campinas, estado de São Paulo. Vejamos esta reportagem:⁷

Mais um assalto cinematográfico entrou para a história dos grandes roubos em Campinas, no interior de São Paulo. Com um veículo clonado para driblar a segurança do Aeroporto Internacional de Viracopos, cinco homens armados com fuzis invadiram na noite deste domingo, 4, a pista de pouso, renderam funcionários e roubaram US\$ 5 milhões – o equivalente a R\$ 16,5 milhões – que eram transportados numa avião da empresa aérea alemã Lufthansa (...). O ataque ocorreu a um avião que faria o voo de Viracopos para Dacar, no Senegal. O destino final seria Frankfurt, na Alemanha. (...) Segundo versão apresentada pela PF, os assaltantes entraram na área de segurança do aeroporto após arrebentar o alambrado que cerca o terreno. A bordo de uma caminhonete Toyota Hillux falsificada – com cores e características da empresa de vigilância –, eles contornaram a pista de pouso e decolagem e se depararam com um veículo da segurança. Os dois ocupantes foram feitos reféns. No percurso até o Terminal de Cargas, onde estava pousado o avião cargueiro da empresa alemã, eles passaram por outros seguranças sem serem incomodados. A ação durou seis minutos: os funcionários foram rendidos e o malote com os dólares foi colocado na caminhonete. Na saída, (...), os criminosos trocaram de veículo e queimaram a caminhonete (...) para dificultar a perseguição. Todos fugiram. (Estadão, 05 de março de 2018).

Embora os alvos preferenciais do PCC venham sendo instituições componentes do sistema financeiro nacional, estes estabelecimentos, conforme assinalado, têm aperfeiçoado seus aparatos de segurança desde a década de 1990. Além disso, em suas rotinas de funcionamento, passaram a evitar o acúmulo de altas somas líquidas em um mesmo local. Tais medidas estão dificultando crescentemente a realização de assaltos. A ação empreendida no Aeroporto Internacional Viracopos indica um trabalho de pesquisa por alvos tão vantajosos quanto empresas de guarda valores.

Assaltos contra instituições financeiras no Brasil em geral envolvem alguma elaboração, mas as ações organizadas por integrantes do PCC se mostram mais sofisticadas que todas as demais. Constituem operações viabilizadas por planos minuciosos, tendo havido mesmo ocorrências cujas quantias obtidas atingiram nove dígitos, como o assalto ao Banco Central em Fortaleza e, provavelmente, o assalto ao setor de cofres particulares Banco Itaú. Outra característica destas investidas é a infraestrutura arrojada, pois são mobilizados veículos e armamentos potentes, dispositivos de comunicação modernos, dentre outros equipamentos. Também chamam a atenção indumentárias e equipamentos semelhantes aos de polícias e outros

⁶ Link: <https://veja.abril.com.br/mundo/pcc-esta-por-tras-de-roubo-no-paraguai-apontam-investigacoes/>.

⁷ Link: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,quadrilha-rouba-carga-de-dolares-no-aeroporto-de-iracopos,70002214195>.

profissionais com acesso facilitado a bancos e empresas de guarda valores. Tornou-se recorrente a participação de funcionários das instituições financeiras nestas ações, atuando como informantes das *quadrilhas* em troca de parte das quantias obtidas nos crimes, tendo ocasiões em que recebem pagamentos antecipados. Conhecendo a rotina de seus alvos, membros do PCC assaltam exatamente em períodos os quais são movimentadas maiores quantias em espécie.

Segundo assinalam meus interlocutores participantes do PCC, agredir ou violentar “vítimas” compromete o êxito de um assalto, por desencadear comoção social, repercussão midiática e perseguições policiais mais enérgicas. Eles diziam que assaltos são prósperos quando se obtêm quantias elevadas, sem chamar a atenção de Polícias ou jornalistas, nem resvalar na identificação ou localização de seus participantes. Um desses homens contou-me que, durante o planejamento de um roubo na década de 1990 ouviu diretamente de Marcola instruções de que os reféns poderiam ser ameaçados e assustados, mas, em hipótese alguma, agredidos fisicamente ou alvejados por armas de fogo.

Marcos Camacho, o Marcola, é o mais célebre assaltante integrante da Primeiro Comando da Capital. Durante entrevistas e conversas informais pude observar que este personagem e sua “fama” movimentam a imaginação dos meus interlocutores. Marcola estava recluso na Casa de Custódia de Taubaté, no período da fundação do PCC nesta mesma penitenciária, cumpria pena por assaltos realizados no estado de São Paulo e não demorou a aderir a este coletivo criminal. Em 1995 Marcola foi transferido para o Carandiru, à época o maior complexo prisional de segurança máxima do Brasil, de onde fugiu no mesmo ano, voltando a ser preso em 2000.

Segundo alguns dos assaltantes com quem desenvolvi diálogo, embora Marcola já fosse conhecido no universo criminal paulista como habilidoso “assaltante de bancos”, no período em que esteve em liberdade no decênio de 1990, já vinculado ao Primeiro Comando da Capital, ele se tornou uma espécie de “lenda viva” entre assaltantes de todo país, por sua capacidade idealizar ações consideradas inteligentes. Algumas de suas ideias que viabilizaram assaltos milionários foram adjetivadas como “incríveis” em entrevistas que realizei. Marcola teria planejado as primeiras investidas armadas contra sedes de empresas de guarda e transportes de valores, registradas no Brasil. As altas somas roubadas e criatividade nas abordagens destes alvos, jamais vistas em assaltos no país, teriam lhe rendido forte capital simbólico no PCC.

Em 2001, Marcola confrontou e venceu César Augusto Roriz Silva, o Cesinha, e José Márcio Felício, o Geleirão, os dois detentos líderes do PCC desde sua fundação em 1993. Com isto, tornou-se uma figura importante neste agrupamento ilegal e passou a ser apontado por polícias e o Ministério Público de São Paulo como seu novo líder, atribuição que ele refuta até hoje. Alegando vingança pela morte de sua companheira, Ana Ollivato, que teria sido assassinada a mando de Cesinha e a esposa, Aurinete Feliz da Silva, sob a aquiescência de Geleirão, Marcola conseguiu expulsá-los do PCC (Biondi, 2010; Feltran, 2018). De acordo com meus interlocutores membros deste coletivo criminal, apesar da acusação desferida contra Cesinha e Geleirão, ele somente pôde destituí-los, recebendo apoio de parte significativa de membros do PCC, devido à fama de assaltante competente, articulado e justo, difundida no universo social do crime. A “boa” reputação de Marcola teria se convertido em capital político, legitimando sua ascensão e as mudanças que veio implementar no PCC.

Embora nos anos 2000 e na década atual tenham ocorrido assaltos que resultaram em quantias maiores do que aqueles organizados por Marcola nos anos de 1990, parte dos meus interlocutores acredita que assaltantes presos, considerados “mais experientes”, sobretudo Marcola, têm colaborado na concepção e viabilização destas ações. Mesmo sem estar convencida de que o principal idealizador dos assaltos empreendidos por membros do PCC atualmente ainda seja Marcola, observo que entre praticantes desta atividade ilegal, procedentes de diferentes regiões do país, integrantes do PCC ou não, que conviveram com ele ou ouviram narrativas a seu respeito, a “imagem” predominante de Marcola é a de um assaltante genial e insuperável.

2. Socialidades que atravessam o universo dos grandes assaltos e o PCC

No Brasil, os participantes de assaltos contra instituições financeiras compõem uma espécie de “elite” no universo criminal, dentro e fora das prisões, costumando ser vistos como “inteligentes e endinheirados, devido a elaboração destas ações e das altas quantias que resultam (Aquino, 2010). Conversas informais e entrevistas que tenho realizado indicam que tais personagens vivenciam suas tarefas de planejamento, organização e execução de roubos como o desempenho de uma atividade econômica.

Da mesma maneira que negócios legais, a organização de assaltos de “grande porte” requer dispêndios monetários. São investidos recursos em veículos e armamentos, imóveis para estadia e reuniões da equipe que vai executar o crime, subornos de funcionários dos estabelecimentos visados, dentre outros gastos.

Protagonistas destes “empreendimentos”, assaltantes atuam como “empresários”: movimentam recursos, elaboram planos de fugas e abordagens dos alvos, calculam possibilidades de êxitos e falhas. Classificados como “criminosos” por códigos jurídicos e valores socialmente instituídos, percebem-se como “homens de negócios”⁸ e significam suas ações criminais como investimentos que exigem cuidados e habilidades específicas. Devido à disposição de se “expor ao risco”, à criatividade e à “inovação” desprendidas para contornar os modernos sistemas de segurança das instituições financeiras, estes assaltantes aproximam-se, em alguma medida, do perfil de “empreendedor” tornado clássico por Schumpeter (1961).

Assaltos de grande porte constituem empreitadas coletivas, promovem convívio e negociações entre seus participantes. Para pensar estas relações, opto pela categoria *socialidade*, ao invés de *sociabilidade*, levando em consideração as observações de Strathern (1988; 1999) para quem a noção de *sociabilidade* evoca vínculos de comunidade e empatia, ao passo que *socialidade* é referente à matriz relacional em que se desenvolve a vida das pessoas, permitindo conceber as relações sociais como intrínsecas à existência humana, sem prévias conotações normativas. Tenho observado que a *socialidade* entre praticantes de assaltos contra instituições financeiras experimentou mudanças significativas durante a década de 1990 (Strathern, 1988; 1999).

Afirmarções dos meus interlocutores de trabalho de campo e narrativas jornalísticas indicam que nos anos de 1980, além do Comando Vermelho que aglutinava milhares de integrantes, já se verificava em diferentes regiões do país outros tipos de coletivos de assaltantes, protagonizando roubos contra agências bancárias e carros fortes. Tratavam-se de grupos fixos com lideranças que tomavam decisões e resolviam conflitos entre membros, quase sempre envolviam números menores que dez integrantes e se tornavam conhecidos pelo nome e a coragem do líder. Costumavam realizar sequências de assaltos em cidades próximas. A *socialidade* nestes grupos apresenta semelhanças com outras modalidades de coletivos criminais, como os “bandos de cangaceiros” atuantes no sertão nordestino no início do século XX, dentre os quais o de Lampião⁹ foi o mais conhecido. A partir da década de 1990, tais “grupos” de assaltantes se tornaram cada vez menos recorrentes.

Naquele período, passaram a predominar no planejamento e realização de ações contra instituições financeiras um tipo de agrupamento, que delegados de Polícia no país tem denominado de “quadrilhas interestaduais” por aglutinarem assaltantes procedentes de variadas regiões do Brasil. Dentre os meus interlocutores nesta pesquisa, quase todos atuam a partir destas *quadrilhas* de composição interestadual. Tenho observado que em vez de pré-formados, tais agrupamentos têm sua composição definida nas etapas de elaboração do plano e viabilização da infraestrutura de cada ação criminal. Tratam-se de coletivos temporários que costumam se desfazer depois que um assalto é realizado e seus ganhos divididos. Laços de amizade, quando ocorrem, tendem a envolver dois ou três componentes, não se estendendo aos demais. Cada assaltante tem autonomia para utilizar a parte do dinheiro que lhe cabe, sem dar satisfações ou dividendos a um líder, ou à facção. Nestas ações, quando um ou mais participantes ficam com quantias maiores do que os outros, é por terem investido mais recursos ou emprestado armas para uso dos colegas no assalto.

Notas finais

Em diálogos com interlocutores, cujas habilidades eram propaladas por outros assaltantes, perguntava-lhes sobre suas pretensões em relação a uma eventual liderança em *quadrilhas interestaduais* e todos afirmavam envolver muita responsabilidade e perigo (Aquino, 2010a, 2010b).

Mas não seria mais interessante se fossem sempre as mesmas pessoas, sem entrar novatos? Eliminaría vários problemas, haveria mais confiança, cada um se especializaria em uma ou duas tarefas diferentes.

Lúcio: Seria muito mais problemático e envolveria mais responsabilidade. Fazer assalto é contra lei, você sabe disso. Sempre tem um que cai, sempre tem um que morre. Se fosse sempre os mesmos, ficava mais fácil prender a gente. Acabava a liberdade de todos. Ninguém quer ficar preso a ninguém. A gente até fica mais tempo com alguns amigos, porque confia mais de ir com eles. Mas, no geral, você fica mais tempo com alguém se você tá devendo dinheiro, e favor. No geral, é muito mais

⁸ Nunca soube de mulheres protagonizando esta atividade ilegal. Em alguns casos, esposas ou namoradas de assaltantes desenvolvem tarefas secundárias nas ações criminais, negociam alugueis de imóveis para hospedagem da *quadrilha* ou providenciam a alimentação dos assaltantes em suas reuniões de planejamento, mas tais colaborações não são contumazes.

⁹ Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, foi um sertanejo natural de Pernambuco, estado localizado na região nordeste do Brasil. Após o assassinato do seu pai pela Polícia, em razão de um conflito por terra, Lampião formou um bando de homens armados e, em vingança, percorreu o semiárido nordestino nas primeiras décadas do século XX, jornada onde efetuou dezenas de roubos e assassinatos. Após morrer em confronto com a Polícia, inspirou livros e filmes. Ele foi um dos “foras da lei” abordados pelo historiador Eric Hobsbawn, em sua “clássica” análise dos “bandidos sociais” ao redor do mundo (Hobsbawn, E. 2010).

prático dividir o dinheiro e cada um seguir seu caminho. No nosso ramo, a gente não pode deixar neguinho saber muita coisa sobre você.

Mas para você, seria bom ter a sua equipe? Do jeito que os outros falam de você, com certeza você seria o líder, o grupo seria seu.

Lúcio: Mas quem disse que eu quero ser líder? Não tem vantagem nenhuma, é muito perigoso(...). Imagine eu me assumir líder, chefe, e me impor aos outros. Se um dia eu agir errado, acontecer de uma decisão minha fazer os outros perder dinheiro, ou ser preso por minha causa, os caras me matam. (...) Na moral, quando eu ia, tudo saía do meu jeito, mas eu não deixava os outros verem isso. Tem que parecer que as decisões são de todos.

Mas parece que seu segredo não tá tão bem guardado. Eu já li matérias de jornais que te chamavam de “mentor intelectual”.

Lúcio: Eu nunca aceitei esse título e nunca vou aceitar. Na verdade, tem uns caras aí vaidosos demais e inteligentes de menos que gostam de ser chamados de mentor intelectual, de líder, mas esses caras dançam. (...) Querer aparecer demais, querer ser mais do que os outros, no nosso ramo, é marcar encontro com a morte. (Entrevista com Lúcio em maio de 2008).

Tenho observado que a racionalidade que orienta praticantes de assaltos contra instituições financeiras não é apenas econômica, outras motivações e desdobramentos concernentes a uma “vida” sob perseguição também são considerados em suas escolhas e ações. Uma das vantagens dos agrupamentos circunstanciais, que se desfazem depois dos assaltos e não apresentam lideranças, seria dificultar a localização e a prisão dos seus integrantes. Para a maior parte dos meus interlocutores, empreender fuga individualmente traz maiores dificuldades à investigação policial do que quando permanecem agrupados. Tenho observado que cada assaltante tem sua rede de contatos, alguns envolvem vínculos subjetivos e a maioria tem laços estritamente “profissionais”. Deste modo, convidam e são convidados a participar de investidas criminais. Além de habilidades técnicas, dinheiro e armas, uma “boa” reputação entre pares, assume relevância decisiva para formar parcerias e se tornarem requisitados.

Aqueles que demonstram excessiva violência, incorrendo em agressões, assassinatos ou estupro de reféns, tendem a ficar isolados e não receber novos convites para assaltos. Também rende “má fama”, difundir boatos sobre assaltos que estão sendo planejados, enganar colegas e levar vantagens na divisão do dinheiro roubado. Por outro lado, discrição durante a participação nestas ações e no uso do dinheiro obtido, demonstração de lealdade e solidariedade a parceiros que acabam de sair da prisão e estão sem recursos, dentre outras atitudes, são positivamente avaliadas. Nas redes de relações concernentes ao universo dos assaltos, moralidades se mostram relevantes para orientar posicionamentos e expectativas, contribuindo para que determinadas pessoas sejam consideradas confiáveis e outras sejam excluídas. Ao invés de grupos fixos, desde a década de 1990 predominam nesta atividade criminal, quadrilhas temporárias formadas a partir de aproximações e contatos construídos entre pares, ganhando, tais redes de relações, abrangência interestadual e até transnacional.

Os assaltos envolvendo o Primeiro Comando da Capital, de acordo com entrevistas que tenho realizado, também se efetivam por pessoas circunstancialmente agrupadas e nem todas são membros do PCC. Quando escolhem alvos em regiões diferentes da que atuam, integrantes deste coletivo criminal fazem contato com assaltantes locais de quem obtiveram informações positivas e, junto com eles, conduzem o planejamento e preparativos do assalto. Parte dos meus interlocutores tem suas próprias armas, os outros disseram utilizar armamento disponibilizado pelo PCC a seus componentes, que devem devolvê-lo depois de finalizada a atividade para a qual o solicitaram.

Essa *socialidade* envolvendo relações predominantemente simétricas, que passou a vigorar nas quadrilhas de assaltantes nos anos de 1990, apresenta similaridades com aquela concernente ao Primeiro Comando da Capital, a partir dos 2000. É o que elucidam as pesquisas Biondi (2010, 2017, 2018) e Feltran (2012, 2018a, 2018b). Biondi (2010) destaca mudanças políticas ocorridas no PCC a partir de 2001, decorrentes da guerra interna que culminou na queda de Césinha e Geleião, derrotados por Marcola. Segundo a pesquisadora, os antigos líderes impunham uma estrutura piramidal ao PCC e Marcola, ao ascender, extinguiu lideranças e hierarquias, instituindo relações igualitárias entre integrantes deste coletivo criminal, que passou funcionar a partir das *sintonias* despessoalizadas. Sem líder, além de não ficar paralisado quando o governo paulista, por considera-lo chefe do PCC, enquadrou Marcola em um regime penal diferenciado, restringindo seus contatos com outros presos e o mundo externo, o Primeiro Comando da Capital se expandiu para todos

os estados do país, tornando-se o mais numeroso agrupamento criminal do Brasil. Biondi afirma que essa expansão nos anos 2000 foi possível exatamente porque o PCC não depende de ordens “vindas de cima” para funcionar. (Biondi, 2017)

Para Feltran (2018a, 2018b), atualmente mais de dois milhões de pessoas estariam envolvidas direta ou indiretamente com atividades do PCC, cuja movimentação anual de capital atinge as cifras dos bilhões. O pesquisador destaca a autonomia empreendedora usufruída pelos integrantes deste agrupamento, que além do tráfico de drogas e armas atuam em outras atividades legais e ilegais como fazendas, portos, roubo de carros, assalto, dentre outras. No cotidiano de seus membros, o PCC funcionaria como uma rede de apoio mútuo entre praticantes de atividades criminais, pautada por valores tidos como justos (Feltran, 2018a; 2018b).

A ausência de lideranças no PCC, as relações igualitárias entre seus integrantes e a liberdade com que conduzem “negócios” individuais, alcançadas com a reforma empreendida por Marcola em 2001, delineiam *socialidades* singulares entre coletivos criminais numerosos, atuantes nos mercados de drogas no Brasil, todavia, padrões similares de relações, conforme expus, já vigoravam no universo social dos assaltos contra instituições financeiras, desde os anos de 1990. Considerando que Marcola, antes de prevalecer sobre Césinha e Geleião, e antes mesmo da fundação do PCC era “assaltante de banco”, é provável que tenha se inspirado nas *socialidades* têm lugar entre participantes desta atividade ilegal ao empreender sua reforma estrutural e política no Primeiro Comando da Capital.¹⁰ Aparentemente foi o ponto de vista dos assaltantes, que segundo entrevistas por mim realizadas, já vinha ganhando relevância neste coletivo em decorrência dos assaltos milionários que vinham realizando, que se insurgiu sobre a estrutura de poder mantida por Césinha e Geleião, copiada de facções, como o Comando Vermelho, direcionada ao controle do tráfico de drogas em territórios de periferias urbanas. É evidente que as expressivas inovações nos assaltos contra instituições financeiras e nas trajetórias de seus participantes, a partir dos anos de 1990, possibilitados por investidas em coletivos sem posições de mando centralizadas, inspiraram as mudanças implementadas por Marcola no PCC.

Abstendo-se de líderes ou hierarquias, os assaltos contra instituições financeiras passaram a ser organizados por *empreendedores individuais agrupados*, graças a suas redes de contatos, assim atingiram novos patamares de organização e retorno monetário, constituindo-se em uma relevante ramificação dos mercados ilegais na América Latina. A efetivação dessas investidas passou a envolver consideráveis investimentos em infraestrutura e conexões com outros mercados legais e ilegais, como o dos carros roubados e placa clonadas, tráfico de armas e construção civil, dentre outros. A imaginação de cineastas despreendida em filmes sobre grandes assaltos começou a modelar planos inusitados e ambiciosos destes crimes da vida real. Assaltantes ampliaram saberes e aperfeiçoaram suas técnicas se tornando “profissionais especializados”, puderam obter maiores quantias, adquirir bens e investirem em atividades econômicas legais. Deste modo, conseguem pagar advogados e custear despesas de familiares enquanto estão presos. Parte dos meus interlocutores explicaram que a atuação em grandes assaltos, possibilitada pela inserção em *quadrilhas* temporárias, tem se mostrado um “caminho” exitoso e promissor. Mesmo quando capturados pela Polícia, os períodos em penitenciárias seriam compensados pelas somas obtidas em tais assaltos, muitas vezes não recuperadas pelos proprietários.

Estes homens com quem dialogo não tiveram oportunidade de ingressar no ensino superior ou de atender ambições materiais e de reconhecimento pessoal por vias não criminais. Ainda assim, obtêm quantias tão altas por meio dos assaltos que, se bem investidas nos mercados legais, podem resolver demandas relacionadas à sobrevivência material dos assaltantes e famílias por toda a vida, resultado muito mais difícil de alcançar por meio das ocupações legais, sobretudo para pessoas procedentes de famílias pobres ou de classe média baixa.

¹⁰ Claro que a instituição da igualdade e a dissolução de lideranças personalizadas nos anos 2000, não extinguiu no cotidiano deste agrupamento criminal tensões concernentes a relações entre seus membros. Desafios na regulação de conflitos entre componentes, agora convivendo em condições de igualdade, foram redimensionados. Neste quesito, ressalto outra convergência entre *socialidades* que atravessam coletivos temporários de assaltantes e o PCC: a relevância de ordenamentos morais. Nas redes de relações envolvendo praticantes de assaltos contra instituições financeiras, conforme assinei anteriormente, existem moralidades que orientam a seleção de parceiros e isolam os que apresentam comportamentos negativamente avaliados. No PCC, segundo Marques (2007) e Feltran (2012), a partir dos anos 2000, foram engendrados os “debates” que, operando como tribunais informais, que passaram a exercer arbitragem de conflitos entre seus componentes, a partir de deliberações baseadas em imperativos morais difundidos no universo social do crime. Em caso de contendas relacionadas a dívidas não quitadas, furtos, agressões e até assassinatos, membros do PCC organizam “debates” e procedem a acareação dos envolvidos. Ouvidos as partes e seus argumentos, acordos são firmados ou sentenças punitivas são definidas e aplicadas imediatamente (Feltran, 2012). Entre participantes de grandes assaltos e no PCC, portanto, moralidades ganham peso, torneando comportamentos e relações em contextos, cuja interação social se desenvolve sem mediação de chefes ou posições de mando.

Neste texto, chamei a atenção para os assaltos contra instituições financeiras como segmento ascendente dos mercados ilegais do Brasil e países vizinhos. Tais ações criminais vieram se tornar relevantes para o fortalecimento e estruturação do Primeiro Comando da Capital, inclusive, sua *socialidade* e dinâmica de organização teriam, conforme argumento, desencadeado mudanças no funcionamento e relações de poder no PCC. Embora não seja uma das principais atividades do referido agrupamento ilegal, grandes assaltos têm sido realizados continuamente por uma parte dos seus integrantes, desde o seu contexto fundacional. Considero que integrantes do PCC, com suas investidas milionárias contra instituições financeiras, não apenas são protagonistas, mas também “pioneiros” nessa atividade mercantil, que se transformou em um ramo importante dos mercados ilegais na América Latina.

Conflito de Interesses

Não há conflito de interesses a reportar.

Referências

- Aquino, JPD.** 2004. Mundo do Crime e racionalidade: os assaltos contra instituições financeiras. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC.
- Aquino, JPD.** 2010. Príncipes e Castelos Areia: um estudo da performance nos grandes roubos. São Paulo: Biblioteca 24 horas.
- Aquino, JPD.** 2010b. Redes e Conexões Parciais nos Assaltos contra Instituições Financeiras. Dilemas. v. 4.
- Aquino, JPD.** 2015. Etnografando assaltos contra instituições financeiras: a publicação da pesquisa, seus impasses e desdobramentos. *Iluminuras (Porto Alegre)*, 16: 184–210. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.58218>
- Aquino, JPD.** 2017. Subvertendo o Código Penal e Monogamia: arranjos afetivos e familiares envolvendo praticantes de assaltos contra instituições financeiras. Dilemas: v. 10.
- Barbosa, ACR.** 2001. Segmentaridade e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Alceu, 2(3): 166–179.
- Biondi, K.** 2010. Junto e Misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome.
- Biondi, K.** 2017. O PCC não precisa de líderes para acontecer. Entrevista concedida à BBC Brasil: São Paulo.
- Biondi, K.** 2018. Proibido Roubar na “Quebrada”: território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome.
- Caminhas, DA.** 2018. Perdeu, Perdeu, isso é um assalto: uma análise dos processos de decisão, planejamento, execução e uso da força nos roubos em Belo Horizonte. 2018. 226f Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dias, CCN.** 2012. Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação da dominação do PCC no sistema carcerário paulista. 2012. 386 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Feltran, GS.** 2011. Fronteiras de Tensão: política e violência na periferia de São Paulo. Marília: Ed. da UNESP.
- Feltran, GS.** 2012. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do.
- Feltran, GS.** 2018a. Irmãos, uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras.
- Feltran, GS.** 2018b. PCC não tem dono, é uma fraternidade. Entrevista concedida à UOL, São Paulo.
- Grillo, C.** 2013 Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de Doutorado. UFRJ.
- Hirata, D.** 2010. Sobreviver na Adversidade: entre o mercado e a vida. Tese de Doutorado. USP.
- Hobsbawn, E.** 2010. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra.
- Lima, WS.** 2001. Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho. São Paulo: Labor Texto, 2ª ed.
- Mallart, F.** 2012. Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Malvasi, P.** 2012. Interfaces da *vida loka*: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. 2012. 288 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marques, AJ.** 2007. Dar um psicológico: estratégias de produção de verdade no tribunal do crime. In: Reunião de Antropologia do Mercosul, 7., 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Matthes, R.** 1996. *Armed robbery: two police responses*. Crime detection and prevention. Series paper no. 78. London: Home Office Police Research Group.
- Matthes, R.** 2002. *Armed robbery*. Devon: Willan.

- Nascimento, AMD.** 2003. Sob a Mira do Crime: Vitimização, Saúde e Identidade entre Bancários da Bahia. Tese de Doutorado: UFBA.
- Padovani, NC.** 2015. Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona. 2015. 400 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Paes-Machado, E e Vióres-Inoue, S.** 2017. Perception of fear and coercive management of victims of intercity bus robberies. *Criminology & Criminal Justice*, 17: 22–39. DOI: <https://doi.org/10.1177/1748895816656032>
- Schumpeter, J.** 1961. Teoria do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Strathern, M.** 1988. *The Gender of the Gift*. Berkeley, University of California Press.
- Strathern, M.** 1999. No limite de uma certa linguagem. In: *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Vol. 5, nº 2. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131999000200007>
- Torres, LPM.** 2017. Estratégias de uma esquerda armada: militância, assaltos e finanças no PCBR na década de 1980. Salvador: Edufba.

How to cite this article: de Aquino, JPD. 2019. Pioneiros: o PCC e a especialização no mercado de grandes assaltos. *Journal of Illicit Economies and Development*, 1(2). DOI: <https://doi.org/10.31389/jied.34>

Submitted: 02 October 2018

Accepted: 18 February 2019

Published: 05 June 2019

Copyright: © 2019 The Author(s). This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC-BY 4.0), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited. See <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



Journal of Illicit Economies and Development is a peer-reviewed open access journal published by LSE Press.

OPEN ACCESS